

MAIMÔNIDES

GUIA DOS PERPLEXOS

OBRA COMPLETA

רבי משה בן מימון
הראש"ק
לורה (בוכיץ)

Tradução e Notas
**Dr. Yosef Flavio
Horwitz**



Título original em hebraico:

Morê Nevochim מורה נבוכים

GUIA DOS PERPLEXOS (obra completa)

Copyright da tradução © 2018 by Yosef Flavio Horwitz

Direitos reservados à

EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.

Alameda Barros, 735 CEP 01232-001 São Paulo SP Brasil

Tel.: 3826-1366 Fax: 3826-4508 sefer@sefer.com.br

Livraria virtual: **www.sefer.com.br**

Tradução, notas e revisão final:	Dr. Yosef Flavio Horwitz
Revisão:	Patrícia Ribeiro de Lima
Revisão técnica:	Iossi Katri
Revisão e edição final:	Jairo Fridlin
Editoração eletrônica:	LCT e Editora Sêfer
Capa:	Ivo Minkovicius
Impressão e Acabamento:	

Notas: Na transliteração de palavras hebraicas, adotou-se o “CH” para o som de RR, como caRRo em português.

A maior parte dos textos bíblicos citados nesta obra foi extraída da BÍBLIA HEBRAICA, de David Gorodovits e Jairo Fridlin (Editora Sêfer).

A imagem da capa se baseia na estátua de Maimônides esculpida por Amadeo Ruiz Olmos na década de 1970, baseado numa imagem de caráter popular do grande mestre, e está localizada na Plaza de Tiberíades, em Córdoba, na Espanha.

איסור השגת גבול ידוע.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio, sem a autorização expressa da Editora Sêfer.

2018

ISBN 978-85-7931-070-6

Printed in Brazil

SUMÁRIO

Prefácio do tradutor	17
Bibliografia	22
Carta de Anuência.....	23

PARTE 1

CAPÍTULO 1	
Sobre as palavras <i>tsêlem</i> (imagem)	
e <i>demut</i> (semelhança)	43

CAPÍTULO 2	
O estado de Adão antes e depois do pecado	
e o significado de seu pecado	44

CAPÍTULO 3	
Sobre as palavras <i>tavnit</i> e <i>temuná</i> (figura)... ..	47

CAPÍTULO 4	
Sobre os verbos <i>raá</i> , <i>hibit</i> e <i>chazá</i>	48

CAPÍTULO 5	
Sobre o estudo das Ciências Divinas	
(Metafísica).....	49

CAPÍTULO 6	
Sobre as palavras <i>ish</i> e <i>ishá</i> (homem	
e mulher).....	50

CAPÍTULO 7	
Sobre o verbo <i>ialad</i> (gerar, dar à luz).....	51

CAPÍTULO 8	
Sobre a palavra <i>macom</i> (lugar).....	52

CAPÍTULO 9	
Sobre a palavra <i>kissê</i> (trono).....	53

CAPÍTULO 10	
Sobre os verbos <i>alá</i> e <i>iarad</i>	
(subir e descer).....	54

CAPÍTULO 11	
Sobre o verbo <i>iashav</i> (sentar).....	55

CAPÍTULO 12	
Sobre o verbo <i>kom</i> (levantar-se).....	56

CAPÍTULO 13	
Sobre o verbo <i>amad</i> (ficar de pé, cessar).....	57

CAPÍTULO 14	
Sobre a palavra <i>Adam</i> (o homem).....	58

CAPÍTULO 15	
Sobre os verbos <i>nitsav</i> ou <i>iatsav</i>	
(ser estável, constante) e a visão	
da escada no sonho de Jacob.....	58

CAPÍTULO 16	
Sobre a palavra <i>Tsur</i> (Rocha).....	59

CAPÍTULO 17	
Não somente a Metafísica deve ser ocultada	
da multidão, mas também a maioria	
das ciências naturais.....	60

CAPÍTULO 18	
Sobre os verbos <i>carav</i> , <i>nagá</i> e <i>nigash</i>	
(aproximar)	60

CAPÍTULO 19	
Sobre a palavra <i>male</i> (cheio)	62

CAPÍTULO 20	
Sobre as palavras <i>ram</i> e <i>nissá</i> (elevado)	62

CAPÍTULO 21

Sobre o verbo *avar*, a expressão *vaiaavor*,
o pedido de Moisés e a resposta recebida ... 63

CAPÍTULO 22

Sobre o verbo *bá* (vir)..... 66

CAPÍTULO 23

Sobre o verbo *iatsá* (sair)..... 67

CAPÍTULO 24

Sobre o verbo *halach* (andar, ir) 68

CAPÍTULO 25

Sobre o verbo *shachan* e seus usos, e quando
ele é usado em relação à Shechiná..... 69

CAPÍTULO 26

Explicação de conceitos que são ditos em relação
a Deus, especialmente o movimento. A Torá
utilizou a linguagem dos seres humanos..... 69

CAPÍTULO 27

Os conceitos de Onkelos para evitar qualquer
tipo de materialização a respeito do
movimento em relação a Deus 71

CAPÍTULO 28

Sobre a palavra *rêguel* (pé, perna) 72

CAPÍTULO 29

Sobre o verbo *etsev* no sentido de irritar-se. 75

CAPÍTULO 30

Sobre o verbo *achal* (comer) e seus diversos
significados, inclusive em relação à sabedoria
e ao estudo 76

CAPÍTULO 31

Os limites da inteligência humana 77

CAPÍTULO 32

Assim como os sentidos se enfraquecem
por meio de esforço extremo, assim
também o intelecto 79

CAPÍTULO 33

O estudo da Metafísica..... 81

CAPÍTULO 34

Cinco razões que impedem uma pessoa
de se dirigir de imediato ao estudo
da Metafísica..... 83

CAPÍTULO 35

Da necessidade de ensinar à multidão
que Deus é incorpóreo e que transcende
qualquer passibilidade..... 88

CAPÍTULO 36

Antropomorfismos 90

CAPÍTULO 37

Sobre a palavra *panim* (face)..... 92

CAPÍTULO 38

Sobre a palavra *achor* (atrás) 94

CAPÍTULO 39

Sobre a palavra *lev* (coração) 94

CAPÍTULO 40

Sobre a palavra *rúach* (vento, espírito)..... 95

CAPÍTULO 41

Sobre a palavra *nêfesh* (alma)..... 96

CAPÍTULO 42

Sobre a palavra *chai* (vivo)..... 98

CAPÍTULO 43

Sobre a palavra *canaf* (asa) 99

CAPÍTULO 44

Sobre a palavra *áyin* (olho)100

CAPÍTULO 45

Sobre o verbo *shamá* (ouvir)100

CAPÍTULO 46

Sobre as metáforas usadas em relação a Deus 101

CAPÍTULO 47	
Sobre as metáforas dos sentidos.....	106
CAPÍTULO 48	
Como Onkelos traduz os verbos ouvir e ver em relação a Deus.....	108
CAPÍTULO 49	
Os anjos são incorpóreos e inteligências separadas.....	110
CAPÍTULO 50	
A crença deve se basear no que é concebido na mente por meio de estudo e conhecimento..	112
CAPÍTULO 51	
Sobre a necessidade de se negar atributos em relação a Deus por constituírem materialização	113
CAPÍTULO 52	
As cinco classes de atributos afirmativos ...	115
CAPÍTULO 53	
O sentido literal sem a devida interpretação causou a crença nos atributos	119
CAPÍTULO 54	
Os pedidos de Moisés a Deus e o sentido alegórico dos atributos citados na Bíblia	122
CAPÍTULO 55	
A necessidade de negar qualquer traço que implique corporeidade, passibilidade e mudança, privação ou semelhança com algo criado a respeito de Deus	126
Capítulo 56	
A negação de semelhança e dos atributos essenciais	127
CAPÍTULO 57	
Sobre os atributos, com mais profundidade, nem mesmo unidade e eternidade podem ser aceitas; os atributos negativos	129
CAPÍTULO 58	
Os atributos negativos, com mais profundidade.....	131
CAPÍTULO 59	
Quanto mais se nega de Deus qualquer atributo afirmativo, mais nos aproximamos de conhecê-Lo.....	134
CAPÍTULO 60	
Mais explicações sobre os atributos negativos	138
CAPÍTULO 61	
Todos os nomes de Deus nas Escrituras são derivados de Suas ações, com exceção do Tetragrama.....	141
CAPÍTULO 62	
Sobre o Tetragrama, o nome de 12 letras e o nome de 42 letras	144
CAPÍTULO 63	
Sobre os nomes de Deus (continuação)	146
CAPÍTULO 64	
Sobre o Nome de Deus e a glória de Deus....	149
CAPÍTULO 65	
O significado da “fala” a respeito de Deus....	151
CAPÍTULO 66	
Sobre “escrita” em relação a Deus.....	152
CAPÍTULO 67	
Sobre os verbos <i>shavat</i> e <i>nach</i> (repousar) ...	153
CAPÍTULO 68	
Explicação sobre o que dizem os filósofos de que Deus é o Intellecto, o Inteligente e o Inteligível	155
CAPÍTULO 69	
Em que sentido os filósofos denominam Deus como a “Causa”.....	157

CAPÍTULO 70

Sobre a palavra *rochev* (montar) em relação
a Deus como o Primeiro Motor ou Governador
do Universo..... 161

CAPÍTULO 71

A origem do Kalam164

CAPÍTULO 72

Descrição do Universo de modo geral
e o ser humano 171

CAPÍTULO 73

As doze proposições do Kalam.....179

CAPÍTULO 74

A Criação segundo o Kalam.....196

CAPÍTULO 75

A unidade de Deus segundo o *Kalam*203

CAPÍTULO 76

Incorporeidade segundo a doutrina dos
kalamitas206

PARTE 2

INTRODUÇÃO

25 proposições com as quais os filósofos
aristotélicos provaram demonstrativamente
a existência e incorporeidade de Deus,
e a 26ª, que não aceitamos213

CAPÍTULO 1

A existência, unidade e incorporeidade
de Deus e o primeiro motor do Universo219

CAPÍTULO 2

A existência, incorporeidade e unidade de Deus
são provadas sendo o Universo criado
ou eterno226

CAPÍTULO 3

As hipóteses de Aristóteles e a tradição
rabínica228

CAPÍTULO 4

As esferas e as causas de
seus movimentos228

CAPÍTULO 5

Aristóteles e a tradição rabínica231

CAPÍTULO 6

Os significados da palavra “anjo”.....233

CAPÍTULO 7

As Inteligências e as esferas são cientes
de suas ações.....236

CAPÍTULO 8

Os sons relacionados ao movimento
das esferas237

CAPÍTULO 9

As dúvidas relativas aos números
das esferas238

CAPÍTULO 10

A influência das esferas239

CAPÍTULO 11

Parte da Astronomia é baseada em hipóteses.
Sobre as Inteligências, as esferas e os corpos
abaixo da esfera lunar242

CAPÍTULO 12

A emanção Divina.....244

CAPÍTULO 13

Três teorias sobre Criação ou eternidade
do Universo.....247

CAPÍTULO 14

Argumentos dos que sustentam a
eternidade do Universo.....251

CAPÍTULO 15

Aristóteles sabia não haver demonstrado
a eternidade do Universo.....254

CAPÍTULO 16

A Criação *ex nihilo* também não é
demonstrável; o objetivo é mostrar
que ela é possível256

CAPÍTULO 17

Refutação dos argumentos de Aristóteles
sobre a eternidade do Universo.....257

CAPÍTULO 18

Refutação de três métodos pelos quais
os filósofos tentam provar a eternidade
do Universo.....261

CAPÍTULO 19

Argumentos que podem fortalecer a Teoria
da Criação *ex nihilo*264

CAPÍTULO 20

Argumentação de Aristóteles de que o
Universo não é consequência do acaso.....271

CAPÍTULO 21

A origem do Universo e o significado
de “necessidade” segundo Aristóteles273

CAPÍTULO 22

A doutrina da necessidade está distante do
entendimento e acarreta várias objeções que
não são respondidas, mas que desaparecem
mediante a premissa de que Deus criou o
Universo do nada absoluto275

CAPÍTULO 23

Como se deve comparar duas ideias
contrárias e as condições para um
pensamento rigoroso.....278

CAPÍTULO 24

Dificuldades da Astronomia que pressupõem
os epiciclos e que não estão de acordo com a
Física e a Astronomia aristotélica279

CAPÍTULO 25

Não é por causa do que está escrito na Torá que
acreditamos que o Universo foi criado, pois
os versículos que expressam isso podem ser
interpretados de forma não literal.....284

CAPÍTULO 26

Exame de uma passagem do Pirkê
de Rabi Eliezer286

CAPÍTULO 27

A crença de que o Universo foi criado não
contradiz a crença de que ele não será
destruído no futuro287

CAPÍTULO 28

O Rei Salomão não pressupôs que o Universo
fosse eterno, mas que permaneceria.....288

CAPÍTULO 29

Não há nas Escrituras nenhum versículo que
fale sobre a destruição do Universo no futuro,
e nem tudo que é dito no Relato da Criação
deve ser entendido de forma literal290

CAPÍTULO 30

Segredos e alusões no Relato da Criação
e na história de Adão e Eva300

CAPÍTULO 31

O *Shabat* vem estabelecer a Criação do
Universo e a memória do Êxodo do Egito ...308

CAPÍTULO 32

Três opiniões sobre a profecia: a primeira
do povo simples, a segunda dos filósofos e a
terceira da Torá.....309

CAPÍTULO 33

A Revelação do Monte Sinai.....312

CAPÍTULO 34

O anjo que não é revelado ao povo e a
profecia.....314

CAPÍTULO 35

A profecia de Moisés difere totalmente da
profecia dos outros profetas315

CAPÍTULO 36

Definição geral da profecia e a diferença entre
sonho justo e profecia317

CAPÍTULO 37

A emanação Divina e os níveis
da profecia.....320

CAPÍTULO 38

As faculdades necessárias
aos profetas.....322

CAPÍTULO 39

A Torá de Moisés é única e jamais será
substituída324

CAPÍTULO 40

O ser humano é um ser social. Diferenças
entre a legislação feita pelos seres
humanos e a Torá transmitida
pela profecia326

CAPÍTULO 41

Definição de visão profética e sonho
profético.....329

CAPÍTULO 42

Toda vez que é dito na Bíblia Hebraica que
alguém viu um anjo trata-se de um sonho
profético ou visão profética.....332

CAPÍTULO 43

A linguagem dos profetas334

CAPÍTULO 44

As formas de recepção profética.....336

CAPÍTULO 45

Onze graus de percepção: dois de *rúach*
hacódesh e nove de profecia.....337

CAPÍTULO 46

Os atos alegóricos que os profetas realizam
numa profecia343

CAPÍTULO 47

O estilo figurado dos escritos proféticos que
não podem ser entendidos literalmente346

CAPÍTULO 48

Todas as coisas do mundo têm origem numa
causalidade cuja primeira causa é Deus.....348

PARTE 3

Introdução.....	353
-----------------	-----

CAPÍTULO 1

As quatro faces das <i>chaiót</i> na visão de Ezequiel	354
--	-----

CAPÍTULO 2

As <i>chaiót</i> e os <i>ofanim</i> da visão de Ezequiel	355
--	-----

CAPÍTULO 3

Explicação de alguns versículos da segunda visão de Ezequiel.....	358
---	-----

CAPÍTULO 4

A explicação de Ionatan ben Uziel sobre os <i>ofanim</i>	359
--	-----

CAPÍTULO 5

Três percepções distintas na visão de Ezequiel	361
--	-----

CAPÍTULO 6

A visão de Ezequiel e a visão de Isaías.....	362
--	-----

CAPÍTULO 7

Algumas expressões dos capítulos da <i>Mercavá</i>	363
--	-----

CAPÍTULO 8

O perecimento está relacionado somente à matéria; a forma, que é a essência verdadeira, não perece	365
--	-----

CAPÍTULO 9

A matéria é como um véu que impede a nossa inteligência de perceber o que é possível da existência de Deus e das Inteligências Separadas (os anjos).....	370
--	-----

CAPÍTULO 10

Sobre o mal e a privação.....	371
-------------------------------	-----

CAPÍTULO 11

A origem dos males que os seres humanos causam a si e aos outros.....	373
---	-----

CAPÍTULO 12

A existência não existe para o ser humano; ela existe pela vontade do Criador	374
---	-----

CAPÍTULO 13

Não se pode descobrir a finalidade do Universo.....	379
---	-----

CAPÍTULO 14

O ser humano deve estar atento à sua pequenez em comparação à enormidade dos corpos celestes.....	385
---	-----

CAPÍTULO 15

Sobre a natureza do impossível.....	388
-------------------------------------	-----

CAPÍTULO 16

Sobre a Onisciência de Deus	389
-----------------------------------	-----

CAPÍTULO 17

Cinco teorias sobre a Providência Divina ...	392
--	-----

CAPÍTULO 18

A opinião de que a Providência ao indivíduo é conforme a sua inteligência	400
---	-----

CAPÍTULO 19

O que fez com que algumas pessoas duvidassem da Onisciência de Deus foi o que lhes parecia ser uma falta de justiça nas situações humanas	402
---	-----

CAPÍTULO 20

O significado de conhecimento de Deus e de conhecimento humano são completamente diferentes.....	405
--	-----

CAPÍTULO 21

Conhecimento e essência são o mesmo a respeito de Deus	408
--	-----

CAPÍTULO 22

O Livro de Jó explica as opiniões sobre a Providência409

CAPÍTULO 23

As opiniões de Jó e seus amigos são diferentes visões sobre a Providência413

CAPÍTULO 24

O significado de “prova”419

CAPÍTULO 25

Divisão das ações humanas em quatro categorias. As ações de Deus possuem uma finalidade boa e importante, mesmo que não a conheçamos.....422

CAPÍTULO 26

Todos os mandamentos possuem uma razão426

CAPÍTULO 27

O objetivo geral da Torá é o aperfeiçoamento da alma e do corpo429

CAPÍTULO 28

Os mandamentos possuem uma razão431

CAPÍTULO 29

Muitos mandamentos têm como objetivo erradicar as práticas idólatras432

CAPÍTULO 30

A Torá veio erradicar a idolatria.....439

CAPÍTULO 31

Há quem acredite na irracionalidade dos mandamentos Divinos. Esta é uma enfermidade em suas almas, pois todos os mandamentos possuem uma utilidade440

CAPÍTULO 32

Os mandamentos estão relacionados ao aprofundamento do conhecimento da

existência de Deus, de Sua unidade e da Criação do Universo. Os sacrifícios vieram para cancelar a idolatria e limitar tais práticas441

CAPÍTULO 33

O domínio das paixões e o aperfeiçoamento das virtudes447

CAPÍTULO 34

A Torá, está direcionada ao bem geral448

CAPÍTULO 35

Quatorze classes de mandamentos449

CAPÍTULO 36

Primeira classe: As ideias verdadeiras453

CAPÍTULO 37

Segunda classe: Mandamentos que têm por objetivo a erradicação da idolatria454

CAPÍTULO 38

Terceira classe: Mandamentos que têm por objetivo o aperfeiçoamento das virtudes e das relações sociais461

CAPÍTULO 39

Quarta classe: A caridade e outros mandamentos462

CAPÍTULO 40

Quinta classe: Danos e mandamentos relacionados.....465

CAPÍTULO 41

Sexta classe: Crimes e punições468

CAPÍTULO 42

Sétima classe: Legislação monetária.....477

CAPÍTULO 43

Oitava classe: O *Shabat* e as Festas479

CAPÍTULO 44

Nona classe: Amor a Deus, oração, *Shemá* e outros mandamentos.....482

CAPÍTULO 45

Décima classe: O Templo, os utensílios e mais482

CAPÍTULO 46

Décima primeira classe: Os sacrifícios487

CAPÍTULO 47

Décima segunda classe: Pureza e impureza. 497

CAPÍTULO 48

Décima terceira classe: Mandamentos relacionados com alimentos e outros mandamentos.....502

CAPÍTULO 49

Décima quarta classe: Relações proibidas e outros mandamentos.....505

CAPÍTULO 50

Nenhuma passagem da Torá é supérflua514

CAPÍTULO 51

O verdadeiro conhecimento e o serviço a Deus.....518

CAPÍTULO 52

Reverência e amor a Deus527

CAPÍTULO 53

Sobre as palavras *chêssed*, *tshedacá* e *mishpat* – benevolência, justiça e equidade.....529

CAPÍTULO 54

Chochmá – sabedoria e ética.....530

Sobre o tradutor

Yosef Flavio Horwitz nasceu no Rio de Janeiro em 1970.
Imigrou para Israel em 1988 e reside desde então em Jerusalém.

Graduou-se em Filosofia Judaica e Filosofia Geral pela
Universidade Hebraica de Jerusalém e concluiu seu mestrado
e doutorado pela Universidade Bar-Ilan, ambas em Israel.

Seus estudos judaicos – incluindo o Guia dos Perplexos – iniciaram-se desde sua chegada a Israel, tendo se aproximado do caminho ensinado pelo Rambam por meio do Rabino Dr. Smadja, conforme transmitido a ele diretamente pela tradição dos rabinos da Tunísia, tanto em relação à *halachá* (lei judaica) quanto ao pensamento judaico.

Atua como tradutor e professor de hebraico e aramaico.

Prefácio do tradutor

Sobre a vida de Maimônides¹

Maimônides – bendita seja a sua memória! –, o RAMBAM, acrônimo de Rabi Moshe, filho de Maimon, (1138²-1204), nasceu em Córdoba. Seu mestre principal foi seu pai, o Rabino Maimon, filho de Iossef Hadaíán, discípulo do Rabino Iossef ibn Migash. Após Córdoba ter sido conquistada pelos almóadas, uma seita islâmica fundamentalista que invadiu a Península Ibérica a partir do ano 1148, Maimônides teve de abandonar a cidade com sua família e fugir para o Norte da África. Dezesete anos mais tarde, Maimônides foi à Terra de Israel. Naqueles dias, ela era governada pelos cruzados e, aparentemente, por causa do perigo, Maimônides teve de sair de Israel, indo morar em Fostat, a cidade antiga do Cairo, no Egito. Inicialmente, participou do negócio de pedras preciosas com seu irmão, mas após a trágica morte deste, Maimônides se dedicou à arte da Medicina. Ele se tornou o líder espiritual dos judeus do Egito antes mesmo de ter sido nomeado *Naguid*, juiz e líder político dos judeus do Egito. Como tal, Maimônides continuou seu trabalho na Medicina, alcançando o alto cargo de médico da família real. Durante toda sua vida, Maimônides dedicou-se a seu povo e à humanidade inteira, o que é expresso em seus escritos.

Em todos esses lugares – Espanha, Norte da África, Egito, Israel e suas vizinhanças –, o idioma usado pelos judeus era o árabe-judaico (árabe escrito com caracteres hebraicos), Maimônides escreveu suas obras neste idioma, com exceção do *Mishnê Torá*, que foi escrito em hebraico.

Obras

As obras de Maimônides são de suma importância tanto no aspecto universal quanto em relação às leis judaicas, e se ramificam em diversas áreas, como Talmud, Lei Judaica, Filosofia, Ciência e Medicina. Maimônides conhecia profundamente as obras filosóficas, científicas e da Medicina de sua época e das anteriores. Da mesma forma, eram de seu conhecimento os livros dos povos relacionados às práticas pagãs. A partir desse vasto conhecimento, Maimônides podia explicar a razão de certas *mitsvot* (mandamentos) que vieram educar o povo e erradicar tais práticas.³ Na área da Medicina, suas obras também são de grande mérito, e podemos citar como exemplo o *Juramento de Maimônides*, que é usado até os dias de hoje.

1 Os dados biográficos foram compilados das traduções do Rabino Kapach, do Professor Schwartz e de Y. Gutmann, em *The Philosophy of Judaism*.

2 Rabino Kapach e Prof. Schwartz.

3 Parte 3:32.

Suas obras talmúdicas são de suma importância para o judaísmo. Todas as autoridades da Lei Judaica que vieram depois dele basearam-se nelas – tanto no *Comentário da Mishná* como no *Mishnê Torá*, no qual colocou de forma clara e límpida toda a lei que se encontra no Talmud. Seus escritos continuam sendo estudados até hoje por todos os estudiosos do judaísmo. Sua primeira obra filosófica sobre os termos da lógica aristotélica foi escrita quando ele tinha apenas dezesseis anos, e ele terminou de escrever o *Guia dos Perplexos* quando tinha aproximadamente cinquenta e um anos.⁴

É importante ter em mente que ler e estudar um livro escrito há mais de oitocentos anos exige um entendimento da época em que o autor viveu e considerar seu contexto histórico, científico e filosófico. Maimônides é estudado hoje em dia nas universidades do mundo inteiro e sua contribuição para a humanidade é imensa. Ele era inteiramente atualizado ao que acontecia no seu tempo e conhecia tanto a Ciência de sua época como a que a precedeu, observando a necessidade do desenvolvimento da mesma.

Em seus escritos, percebe-se claramente que ele se preocupava com os desfavorecidos, com as mulheres⁵ e com os oprimidos, e somente ignorantes e pessoas com ideias preconcebidas podem tirar os textos de seu contexto histórico para criticar coisas que indicam apenas suas próprias ignorâncias. Por exemplo, numa época em que a Humanidade se relacionava de forma desigual entre os gêneros, uma lei social justa deveria proteger as mulheres dentro daquele contexto histórico específico, e foi exatamente o que ele fez. Seria ignorância criticar tais leis a partir do ponto de vista contemporâneo, em que as diferenças sociais entre os gêneros foram relativamente reduzidas. Assim também na área da Ciência, a grandeza de um cientista está relacionada à Ciência de sua época e à sua capacidade de enxergar mais adiante. Em relação ao estudo da Ciência, ele expressou sua importância na carta ao seu discípulo logo no início do *Guia*:

“Mas quando tu estudaste comigo o que estudaste da Astronomia, e antes disso ao estudar os estudos da Matemática que devem necessariamente servir de preparação a este estudo, a minha felicidade aumentou a respeito de ti por causa da qualidade elevada de tua mente e da rapidez da tua apreensão. Observei o grande desejo que tinhas pela Matemática e, portanto, deixei que continuasses estudando-a, pois sabia onde chegarias. Depois, quando estudaste comigo o que estudaste da Lógica, coloquei minhas esperanças em ti e te julguei digno de revelar-te os segredos dos Livros dos Profetas.”

Entre os muitos pensadores influenciados diretamente por Maimônides citaremos apenas alguns:⁶ Espinoza, em sua *Ética*; Leibniz, que escreveu observações ao *Guia*, na ten-

4 Introdução do Rab. Kapach, pág. 21.

5 Por exemplo, ver as Leis de Divórcio no *Mishnê Torá*.

6 Artigos relacionados a esses assuntos e à obra de Maimônides em geral serão informados mais adiante.

tativa de entender sua profundidade;⁷ Newton, que estudou os escritos de Maimônides, inclusive o tratado sobre os artefatos do Templo;⁸ Kant, na *Crítica da Razão Pura*;⁹ Tomás de Aquino, em sua *Suma Teológica*; e Emanuel Levinas,¹⁰ entre muitos outros.

Por um lado, o livro faz parte de um contexto histórico relacionado à Astronomia e à Ciência daquela época – que não é mais aceita nos dias de hoje e que o próprio Maimônides esperava seu desenvolvimento; por outro lado, ele transcende o contexto histórico de sua época e é, sem dúvida, de suma importância para o pensamento contemporâneo.

Crítica aos filósofos

Apesar de Maimônides usar diversas vezes a linguagem aristotélica, ele rejeita suas ideias nos assuntos principais e essenciais, como a Criação do Universo, a profecia e a Providência Divina. Em contraste a Aristóteles, Maimônides não aceita a Teoria da Eternidade do Universo;¹¹ em relação à profecia, há intervenção do Ser transcendente,¹² e a respeito da Providência, Maimônides explica o princípio de que a Providência está relacionada aos indivíduos, em contradição ao pensamento de Aristóteles.¹³ Portanto, a tentativa de classificar Maimônides como um filósofo aristotélico advém de uma leitura superficial e equivocada de seus escritos. Além disso, ele critica a ontologia à qual os filósofos árabes,¹⁴ que expressavam a tradição aristotélica,¹⁵ eram prisioneiros.

Sobre o Guia dos Perplexos

O *Guia dos Perplexos* é dividido em três partes, mas todas estão profunda e intrinsecamente inter-relacionadas, como ele mesmo escreve:

“Se desejas compreender tudo o que este tratado contém de maneira que nada te escape, relaciona seus capítulos uns aos outros e tenha como objetivo não somente compreender o significado de cada capítulo em seu significado geral, mas também tenta compreender cada palavra que se encontra inserida no discurso, mesmo que tal expressão não faça parte do assunto principal do capítulo. Neste tratado, as coisas jamais são ditas por acaso, mas tudo é dito com uma grande exatidão e muita pre-

7 G.W. Leibniz, *Observations on Rabbi Moses Maimonides book entitled The Teacher (Guide) of The Perplexed*. Ver o início das suas observações.

8 Newton, *Maimonides and esoteric knowledge*. Faur, Jose. Cross Currents, winter 90/91, Vol. 40, Issue 4, p. 526, 13 p.

9 Imanuel Kant, *Crítica da Razão Pura*, primeira parte, A Estética transcendental, e em vários outros pontos de sua obra.

10 Por exemplo, em *Difficile liberte e Totalite et infini*.

11 *Guia dos Perplexos*, Parte 2.

12 *Guia dos Perplexos*, Parte 2.

13 *Guia dos Perplexos*, Parte 3.

14 Por exemplo, *Guia dos Perplexos*, Parte 2:15.

15 Ver Rabino Smadja, *La Lune se Levera aus Auroes*, capítulo 10.

cisão, e com o cuidado para que não falte alguma explicação sobre as questões obscuras. Nada foi dito fora de seu lugar, a não ser quando vem para esclarecer algo em outro lugar. Portanto, não me abordes com tuas opiniões preconcebidas, pois me causará danos sem qualquer proveito a ti mesmo. Pelo contrário, debes aprender tudo que é necessário aprender, e faça deste meu livro um objeto contínuo de teus estudos, pois ele te explicará as maiores obscuridades da Torá, que são difíceis a todo ser humano inteligente.”

Apesar de o livro expressar-se na linguagem filosófica, difere dos livros dos filósofos, pois os verdadeiros sábios judeus exigem de seus discípulos um nível ético,¹⁶ sem o qual o estudo será simplesmente superficial.

Traduções e comentários

Escrito originalmente em árabe-judaico, o *Guia dos Perplexos* foi traduzido para o hebraico pelo Rabino Shemuel ibn Tivon – bendita seja a sua memória! – ainda durante a vida de Maimônides. Foram feitas outras traduções para o hebraico, e as modernas, de grande importância e nas quais me baseei, são as do Rabino Iossef Kapach e do Prof. Michael Schwartz – benditas sejam suas memórias!

Já em tempos antigos esta obra foi traduzida para vários idiomas. A tradução para o francês de Salomon Munk com seus comentários¹⁷ é datada de 1856 e é de enorme importância até hoje.

O *Guia dos Perplexos* foi comentado por vários sábios judeus, como o Rabino Dom Isaac Abravanel, Rabino Chasdai Crescas, Rabino Moisés Narboni, Rabino Abraham Abuláfia e Rabino Iossef Gikatilia – benditas sejam as suas memórias! –, além de vários outros, e sua influência no pensamento judaico é incomensurável.

Sobre esta tradução

Esta é a primeira tradução integral feita para o idioma português. Os livros utilizados e que me guiaram nesta tradução são principalmente três: (1) a tradução do Professor Michael Schwartz, o qual tive a honra de conhecer pessoalmente no início do meu trabalho; (2) a tradução do Rabino Iossef Kapach; e (3) a tradução para o francês de Salomon Munk – benditas sejam suas memórias! Além disso, estudei a tradução do Rabino Shemuel ibn Tivon, que teve o mérito de estar em contato com Maimônides e que foi a base do estudo dos comentaristas medievais, pensadores e estudiosos judeus de todas

¹⁶ Ver Rabino Smadja, *La Lune se Levera aus Aurores*, capítulo 8.

¹⁷ Maimônides, *Le Guide des Égarés*. Trois volumes avec les commentaires complets de Salomon Munk, Ed. GP Maisonneuve et Larose, 1856, 1970.

as gerações. Além disso, li a tradução ao inglês de Michael Friedlander, a tradução ao espanhol de David Gonzalo Maeso e das partes traduzidas ao português por Uri Lam.

Dediquei onze anos à tradução deste livro e busquei facilitar sua leitura sem alterar o texto original. Sim, às vezes tive de abdicar das regras estritas do português com o intuito de facilitar a fluência da leitura. As notas de rodapé e citações são em sua maioria derivadas das traduções do Rabino Kapach e do Prof. Schwartz.

A transliteração foi feita de modo a facilitar o leitor, sem usar o formato acadêmico que não é conhecido pela maioria das pessoas. A inclusão de termos hebraicos entre parênteses ao longo do texto tem caráter pedagógico e visa permitir ao leitor identificar certos conceitos para maior aprofundamento sobre eles.

Os títulos dos capítulos e seus intertítulos foram acrescentados a esta edição (e não se encontram no texto original) e baseiam-se nos textos do Rabino Kapach, do Prof. Schwartz e de Salomon Munk.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por me ajudar no estudo, no entendimento e na tradução do *Guia dos Perplexos*.

Agradeço ao meu mestre e rabino, Rabino Dr. Smadja – que tenha longa vida!

Agradeço ao meu mestre e meu rabino, Rabino Dr. Arussi – que tenha longa vida!

Agradeço ao meu amigo Yonatan Smadja, que sempre me incentivou a completar este trabalho.

Agradeço ao amigo prof. Jairo Fridlin todo seu esforço para a publicação deste livro.

Agradeço ao Prof. Dr. Moacir Amâncio pelo incentivo.

Espero ter conseguido expressar a intenção de Maimônides por meio desta tradução, e peço perdão se algo fugiu do meu entendimento ou se me expressei de maneira inexata.

A Maimônides, dedico esta tradução.

Jerusalém, Tamuz de 5777.

Julho de 2017.

Yosef Flavio Horwitz

Bibliografia

de obras do Rambam utilizadas na tradução

A extensa bibliografia utilizada e citada encontra-se nas notas de rodapé.

- Rambam. *More Nevochim*, com comentários Shem Tov, Afudi, Rabino Chasdai Crescas e Dom Isaac Abravanel, por Shemuel Ibn Tivon, Mossad Harav Kook, Jerusalém, 5720 (1960). **(em hebraico)**
- Rabênu Moshe ben Maimon. *More Nevochim*. Traduzido para o hebraico, comentado e analisado de acordo com os manuscritos e edições antigas pelo Rabino Iossef Kapach, Mossad Harav Kook, Jerusalém, 1977. **(em hebraico)**
- Maimonides, M. *The Guide of The Perplexed*. Translated to Hebrew by Michael Schwartz. Tel Aviv University Press, 2002. **(em hebraico)**
- Maimonides, M. *Le Guide des Égarés*, Traduit par Munk, Salomon. Paris: Verdier, 1979.
- Maimonides, M. *The Guide for the Perplexed*. Translated by Michael Friedlander. London. Routledge. 1942.
- Maimónides, *Guía de Perplejos*, Edición de David Gonzalo Maeso, Editorial Trotta, Madrid, 1994.
- Maimônides, O Guia dos Perplexos, partes 1 e 2, Uri Lam, Landy Editora. São Paulo, 2003
- Maimonides, M. *Milot Haigaion*. Translated to Hebrew by Rabbi Moshe Ben Shemuel Ibn Tivon. Hebrew University of Jerusalem. Jerusalem, 1965. **(em hebraico)**
- Maimonides, M. *Beur Melech Haigaion*. Translated to Hebrew by Rabbi Kapach. Keriat Ono, Machon Mishnat Harambam. 1997. **(em hebraico)**
- Rambam, *Mishnê Torá*. **(em hebraico)**
- Rambam, Comentário da Mishná **(em hebraico)**, Tradução do Rab. Iossef Kapach. Mossad Harav Kook, 5755 (1995).

Em nome do Eterno,

Deus do Universo

Introdução



*Meu pensamento te guiará
pelo caminho reto,
e trilharás a sua vereda.*

*Ai daqueles que se extraviam
no campo da Torá!
Vem, segue na direção
do seu caminho.*

*O impuro e o ignorante
por ele não passarão,
e de caminho sagrado
ele será chamado.*

Carta ao discípulo, Rabi Iossef ibn Aknin

Para o Rabi Iossef – que Deus o proteja!
filho do Rabi Iehudá – que descanse no Jardim do Éden!

Quando estiveste diante de mim, meu caro discípulo Rabi Iossef – que Deus te proteja! – filho de Rabi Iehudá – que descanse no Jardim do Éden! –, vindo de um país distante para estudar comigo, teu valor cresceu em meus olhos por teu empenho nos estudos e por teu grande desejo aos assuntos de investigação que encontrei em teus poemas. Esta foi a minha impressão desde que chegaram a mim os teus escritos e os teus contos¹ de Alexandria, antes de eu testar a tua capacidade de apreensão. Então me perguntei: Será que o teu desejo é maior do que a tua compreensão? Mas quando tu estudaste comigo o que estudaste da Astronomia, e antes disso ao estudar os estudos da Matemática que devem necessariamente servir de preparação a este estudo, a minha felicidade aumentou a respeito de ti por causa da qualidade elevada de tua mente e da rapidez da tua apreensão. Observei o grande desejo que tinhas pela Matemática e, portanto, deixei que continuasses estudando-a, pois sabia onde chegarias. Depois, quando estudaste comigo o que estudaste da Lógica, coloquei minhas esperanças em ti e te julguei digno de revelar-te os segredos dos Livros dos Profetas, para que pudesses compreender o que deve ser compreendido pelas pessoas perfeitas.² Comecei, então, a dar-te alusões e certas indicações, e notei que buscavas mais de mim. Insistias que eu te explicasse alguns pontos dos assuntos metafísicos e que eu te explicasse as intenções dos kalamitas nesses temas, e querias saber se seus métodos eram baseados em demonstrações ou, caso contrário, no que se baseavam. Percebi que tinhas adquirido algum conhecimento desses assuntos de outros mestres e que estavas perplexo e desorientado, e tua nobre alma exigia de ti “encontrar os objetos de desejo” (Eclesiastes 12:10). Não hesitei em te afastar disto e te recomendei que aprendesses as coisas ordenadamente, de modo que a verdade fosse estabelecida a ti de forma metódica e sem esperar que a verdade aparecesse casualmente. Enquanto estavas comigo, jamais recusei explicar-te os versículos ou algum dito dos textos dos Sábios cujo significado te era desconhecido. Mas quando Deus decretou a nossa separação e tu partiste, as nossas discussões despertaram em mim uma resolução que estava enfraquecida. Tua ausência me levou a compor este tratado para ti e para outros que são como tu, mesmo que sejam poucos. Eu o dividi em capítulos e tudo o que foi escrito chegará a ti sucessivamente onde estiveres; e fica em paz.³

1 O Rab. Kapach, na nota 5, explica: apreensões, coisas recebidas por tradição; o Prof. Schwartz e Munk explicam: prosa em rimas, literatura comum naqueles dias.

2 Ou “completas”.

3 O Prof. Schwartz, na nota 16, explica: rogo-te que quando cada parte deste livro chegar a ti estejas com saúde e em paz.

Observações introdutórias

“Faze-me saber o caminho que devo seguir,
porque a Ti levanto a minha alma.” (Salmos 143:8)

“A vós, ó homens, clamo; e a minha voz
se dirige aos filhos dos homens.” (Provérbios 8:4)

“Inclina o teu ouvido e ouve as palavras dos sábios,
e aplica o teu coração ao meu conhecimento.” (ibid. 22:17)

O primeiro objetivo deste tratado é explicar o significado de certos termos que aparecem nos Livros dos Profetas. Destes, alguns são homônimos⁴ e os ignorantes os compreenderam apenas por um de seus significados.⁵ Há também os termos metafóricos, que foram entendidos em seu significado literal. Há também os termos anfibológicos,⁶ os quais pode-se imaginar às vezes que são um termo unívoco⁷ e às vezes que são homônimos.

O objetivo deste tratado não é explicar todos esses termos ao povo ou aos principiantes no estudo, nem ensiná-los àquele que somente estudou a sabedoria da Torá, ou seja, que apenas conhece a sua interpretação pela tradição,⁸ pois o objetivo de todo esse tratado e de todo aquele que é como ele é o estudo da Torá em sua veracidade. Além disso, este tratado tem o objetivo de despertar o ser humano religioso, humilde em sua alma, que apreendeu em sua alma a verdade da nossa Torá, que é inteiro em sua crença e em suas virtudes, que estudou as ciências dos filósofos e que conhece seus diversos temas, e que a razão humana o atraiu e o fez entrar em seu domínio, mas ele se encontra impedido por causa do sentido literal da Torá, pelo que entendeu ou pelo que lhe foi explicado sobre os significados daqueles termos homônimos, metafóricos ou anfibológicos, e por causa de tudo isso permanece perplexo e hesitante. Essa pes-

4 O Prof. Schwartz, na nota 8, explica que homônimo é uma palavra que indica dois ou mais significados completamente distintos, e são termos ditos metaforicamente (*mushal*), como chamar uma pessoa astuta de “raposa”.

5 Ou seja, os ignorantes entenderam certos termos por meio de um dos significados do homônimo que não correspondia ao significado verdadeiro do texto.

6 Ver *Milot Haigaion*, de Maimônides, cap. 13. O termo anfibológico (*shem messupac*) é aplicado a dois ou mais objetos por causa de algo que têm em comum, mas que não constitui a essência de cada um deles. Por exemplo, o nome 'homem' é dado a um animal racional vivo e também a um que já está morto.

7 Ver *Milot Haigaion*, de Maimônides, cap. 13: “Um termo é usado univocamente (*shem haneemar behas-camá*) quando há algo que constitui a essência de duas ou mais coisas, e esse termo se refere a cada uma dessas coisas que compartilham dessa essência constitutiva. Por exemplo, o termo “animal” é aplicado ao ser humano, ao cavalo, ao escorpião e ao peixe, porque a ideia de vida, que envolve nutrição e sensibilidade, é encontrada em cada uma dessas espécies e constitui a essência delas. Portanto, o nome de qualquer gênero é aplicado às espécies que a compõem de forma unívoca e as diferenças específicas de cada espécie são aplicadas a todos os seus indivíduos univocamente.”

8 Ou “*Halachá*”.

soa, ou seguirá a sua razão e deixará de lado aqueles termos na forma que os havia entendido, pensando estar abandonando os fundamentos da Torá, ou permanecerá com o que entendeu deles e deixará de ser guiada por sua razão. E acontecerá que ele se distanciará de sua razão e se desviará dela, pensando que causou prejuízo a si mesmo e dano à sua religião.⁹ Assim, ficará com essas opiniões imaginárias e sentirá inquietude, opressão e constante sofrimento no coração, e passará por grande perplexidade.

Este tratado possui também um segundo objetivo, que é explicar alegorias muito obscuras que são encontradas nos Livros dos Profetas sem que seja dito claramente que são alegorias. Ao contrário, o ignorante e o tolo as tomam em seu sentido literal e negam-lhes um sentido oculto. Quando uma pessoa verdadeiramente instruída as examina e as interpreta no sentido literal, fica com grande perplexidade; mas quando nós lhe explicamos o sentido alegórico ou a advertimos de que se trata de uma alegoria, então ela pode encontrar o caminho certo para sair daquela perplexidade. Portanto, chamei este tratado de *Guia dos Perplexos*.

Não digo que este tratado remova todas as dúvidas de quem o estuda e o compreende, mas digo que clareia a maioria das obscuridades, dentre as quais, as maiores delas. Uma pessoa atenta não demandará de mim e tampouco esperará que eu complete um assunto apenas por tê-lo mencionado, ou que, ao iniciar a explicação sobre o significado de uma alegoria, que eu esgote tudo o que foi dito sobre ela. Isto é impossível a um homem inteligente fazer oralmente em uma conversa face a face, e por mais forte razão é impossível lográ-lo em um livro, até para que este livro não se torne um alvo de qualquer ignorante que se enxerga como um sábio e que venha a lançar nele as flechas de sua ignorância.

Explicamos algo sobre este assunto em nossas obras talmúdicas¹⁰ e despertamos a atenção a vários assuntos; mencionamos que o *Maasse Bereshit* (“Relato da Criação”) é a Ciência Física¹¹ e que o *Maasse Mercavá* (“Relato da Carruagem Celeste”) é a Ciência Metafísica. Também explicamos o dito dos Sábios:¹² “A interpretação do *Maasse Mercavá* não deve ser exposta nem mesmo a uma única pessoa, a não ser que ela seja sábia e capaz de entender por si própria, e mesmo assim tu deves apenas transmitir os primeiros elementos.”¹³

Portanto, não demandes de mim neste tratado qualquer coisa além dos “primeiros elementos”. E os próprios primeiros elementos não estão ordenados aqui de maneira consecutiva, mas, ao contrário, estão espalhados e misturados com outros assuntos que desejo explicar. Pois o meu objetivo é que as verdades apareçam através dos pri-

9 Pensará que suas convicções religiosas sofreram danos.

10 *Mishnê Torá, Sefer Hamadá, Hilchot Iessodê Hatorá* 1:4; Comentário sobre a *Mishná, Chaguigá* 2:1.

11 Pode ser traduzido também como sabedoria ou ciência da natureza.

12 TB *Chaguigá* 11b.

13 Conforme a tradução de Munk. *Rashê perakim* também pode ser traduzido como “enunciados”.

meios elementos e depois elas venham a se ocultar, para assim não nos opormos ao objetivo Divino – e não podemos nos opor a ele –, que ocultou as verdades do conhecimento de Deus ao povo simples, como foi dito: “O segredo do Eterno é para aqueles que O temem” (Salmos 25:14).

Saibas também que algumas partes das coisas da Física também não podem ser instruídas abertamente da forma como são. Tu conheces o que disseram os Sábios: “O *Maasse Bereshit* não deve ser exposto na presença de dois.” Ora, se alguém explicasse tudo isso em um livro, estaria expondo-o a milhares de pessoas! E é esta a razão pela qual esses assuntos aparecem por meio de alegorias nos Livros dos Profetas, assim como os Sábios, seguindo o caminho dos livros sagrados, utilizaram enigmas e alegorias para tratar desses assuntos. Pois as coisas naturais¹⁴ têm uma estreita relação com a Ciência da Metafísica e também fazem parte de seus mistérios. Não penses que esses grandes mistérios são completamente conhecidos por algum de nós. Não é assim, e sim ao contrário: às vezes a verdade nos aparece límpida como a luz do dia para, depois disso, ser ocultada pelas coisas materiais e habituais, até nos encontrarmos às voltas com uma noite profunda, próximos de onde estávamos inicialmente. Somos como quem enxerga o brilho de um relâmpago algumas vezes numa noite extremamente obscura. Há entre nós quem enxergue o brilho do relâmpago seguidamente, vez após outra, como se estivesse sob uma luz contínua, de modo que a noite se torna como o dia. Este é o grau do maior dos profetas, para o qual foi dito: “E tu, fique aqui comigo” (Deuteronômio 5:31), e de quem está escrito: “A pele do seu rosto resplandecia” (Êxodo 34:29). Há outros aos quais o relâmpago brilha apenas uma vez em toda sua noite. Este é o grau daqueles sobre os quais foi dito: “Eles profetizaram, e não continuaram mais” (Números 11:25). Há ainda outros que passam por muitos ou poucos intervalos entre um relâmpago e outro, e finalmente há quem não alcança o grau de ter sua noite clareada por um relâmpago, mas apenas possui um corpo polido ou algo semelhante, como as pedras e outras coisas que brilham na escuridão da noite. E mesmo esta pequena luz não é contínua, mas brilha e desaparece como se fosse “a flama da espada que se transforma”¹⁵ (Gênesis 3:24). É conforme essas circunstâncias que variam os graus dos homens perfeitos. Já sobre esses que jamais viram a luz e que erram pela noite, foi dito: “Eles não sabem nem entendem, andam em trevas” (Salmos 82:5). Para esses, a verdade está completamente oculta apesar da força de sua manifestação, como em “E agora os homens não veem a luz que é brilhante nos céus” (Jó 37:21). Assim é a maioria do povo simples, e não há lugar para mencioná-los neste tratado.

Saibas que quando um dos homens perfeitos, em seus diversos graus de perfeição, quer se pronunciar – tanto verbalmente quanto por escrito – sobre algo que ele compreendeu sobre os mistérios, ele não pode expor nem parte do que apreendeu com

¹⁴ O Prof. Schwartz, na em nota 26, diz que isso provavelmente quer dizer “Física”.

¹⁵ Ou “rotativamente”.

total clareza e ordem como ele faz com as outras ciências cujo ensinamento é divulgado. Mas ele conseguirá expor o que apreendeu ao reproduzir a outrem o que lhe sucedeu quando estudou, ou seja, a coisa então aparecerá por si, brilhará e novamente se ocultará, como se esta fosse a sua natureza, muito ou pouco. Portanto, por ser a intenção de todo Sábio que conhece Deus e sabe a verdade ensinar algo deste assunto, ele falará somente por meio de alegorias e enigmas. Os nossos Sábios multiplicaram as alegorias e as fizeram de diferentes espécies e gêneros. Eles redigiram a maioria das alegorias de modo que o assunto que gostariam que fosse compreendido pudesse se encontrar no início, no meio ou no final da alegoria, isso quando não encontravam uma imagem que toda ela se aplicasse ao ensinamento em questão. Às vezes, ao ensinar um assunto, eles optavam por dividi-lo em algumas alegorias distantes umas das outras, mesmo que se tratasse de um único assunto em si. Com mais obscuridade, acontece de uma só alegoria ser empregada em diversos assuntos, de modo que o início da alegoria se aplica a um assunto, e o final, a outro. Ocasionalmente, a mesma alegoria é inteiramente aplicada em dois assuntos no gênero da mesma ciência. Por fim, quando alguém quer ensinar sem empregar alegorias e enigmas, suas palavras se tornam ainda mais obscuras e breves do que seriam com alegorias e enigmas. Parece que os estudiosos e os Sábios são guiados a este respeito pela vontade Divina, assim como as suas disposições físicas os guiam.¹⁶

Tu vês que Deus, o Todo-Poderoso, quis nos trazer à perfeição e melhorar as condições de nossa sociedade por meio de Suas leis práticas.¹⁷ Isto apenas pode ser realizado após o entendimento de certos conceitos¹⁸ racionais cuja primeira condição é conhecer Deus conforme a nossa capacidade. E isto é possível apenas por meio da Ciência Metafísica; e não se alcança a Metafísica a não ser após a ciência da Física¹⁹ pois esta é limítrofe²⁰ com a Metafísica e a precede no aprendizado, como está claro para quem a estuda. Por isso, Deus colocou na abertura do Seu livro o *Maasse Bereshit* que, como explicamos, é a Ciência da Física.

Por causa da profundidade e da importância do assunto e devido à nossa incapacidade de compreender a profundidade das coisas como elas são em sua realidade, a transmissão dos assuntos profundos cuja sabedoria Divina julgou necessário nos ensinar deu-se por meio de alegorias, de enigmas e de palavras extremamente obscuras. Como os Sábios disseram: “Expor a potência da obra da Criação aos mortais é impossível, portanto as Escrituras a disseram de maneira obscura: ‘No início Deus criou’ etc.” Eles chamaram a nossa atenção ao fato de que as coisas mencionadas

¹⁶ O Rab. Kapach, na nota 48, explica: assim como a natureza conduz a pessoa e a obriga a fazer coisas que não gosta, como dormir, por exemplo, apesar de preferir estudar a sabedoria.

¹⁷ Em hebraico, *mitsvot maassiot*.

¹⁸ De acordo com o Rab. Kapach.

¹⁹ Ou ciências naturais.

²⁰ Vizinha, tem fronteiras.

são obscuras. Tu conheces as palavras de Salomão: “Longe e extremamente profunda, quem pode encontrá-la?” (Eclesiastes 7:24). Todos esses assuntos foram falados por palavras homônimas para que o povo simples as interpretasse conforme a medida de sua inteligência e a debilidade de sua concepção, e para que o ser humano perfeito e conhecedor as entendesse e as interpretasse com outro sentido.

Prometemos em nosso Comentário da *Mishná* que explicaríamos certos assuntos difíceis em duas obras: o Livro da Profecia e o Livro da Harmonia. Este último é um livro pelo qual havíamos prometido clarear as obscuridades de todas *derashot* (interpretações talmúdicas) cujo sentido literal está distante da racionalidade e em grande desacordo com a verdade, e explicar que todas elas se tratam de alegorias. Quando iniciamos a redigir estes livros, muitos anos atrás, e após haver escrito parte deles, as explicações iniciadas por este método não nos satisfizeram, pois percebemos que ao mantermos o uso de alegorias e ao continuar a ocultar o que deve ser ocultado, não mudaríamos nada do que foi feito originalmente e seríamos como quem substitui um indivíduo por outro igual e da mesma espécie. E se esclarecermos o que precisa ser esclarecido, isto não será adequado para as pessoas simples, e o nosso objetivo era esclarecer o significado das *derashot* e o sentido literal dos Livros dos Profetas para o povo simples. Vimos também que se estas *derashot* forem examinadas por algum rabino simples e ignorante, este não terá qualquer dificuldade, pois aos olhos do ignorante que é indolente e desprovido do conhecimento da natureza do Ser, as coisas impossíveis não são inadmissíveis. Mas se a pessoa perfeita e distinta as examinar, ela necessariamente agirá em um de dois caminhos: ou as interpretará em seu sentido literal, e então terá uma opinião ruim do autor e o considerará um ignorante – e assim ele não destruirá os fundamentos da crença –, ou então lhes atribuirá um significado oculto, mantendo boa opinião sobre o autor, sem se importar se o significado oculto daquelas palavras lhe ficou esclarecido ou não.

No que concerne ao significado da profecia, a exposição dos seus diversos graus e a interpretação das alegorias em seus livros, tudo isso será explicado de outra maneira no presente tratado. Por esse motivo, desistimos de redigir aquelas duas obras como se encontravam.²¹ No tocante a uma breve menção dos fundamentos das crenças, das verdades gerais e de alusões próximas a coisas esclarecidas, nos contentamos com o que mencionamos em nossa grande obra talmúdica *Mishnê Torá*.

Quanto ao presente tratado, dirijo a palavra a quem estudou a Filosofia, que sabe as ciências verdadeiras, que acredita nas coisas religiosas²² e que está perplexo diante de nomes obscuros e alegorias que produzem incerteza a respeito de seu significado.

21 O Rab. Kapach, na nota 65, diz: “como eram”. O Prof. Schwartz, na nota 49, explica: conforme o método que tinha iniciado a escrever.

22 Assim traduz Munk. O Prof. Schwartz e o Rab. Kapach traduzem “da Torá”.

Neste tratado, trarei capítulos nos quais não mencionarei a elucidação de nenhum termo homônimo, mas que servirá como uma preparação para outro; ou chamarei a atenção sobre algum significado dos homônimos que não quero falar explicitamente naquele lugar; ou explicarei alguma alegoria ou indicarei que tal assunto é uma alegoria; ou então que o capítulo contém assuntos difíceis a respeito dos quais há quem acredite algo diferente da verdade em razão de homônimos, confundindo a imagem com a coisa representada ou a coisa representada pela imagem.

Por ter falado sobre alegorias, introduzirei a seguinte observação preliminar: saibas que, para compreender tudo o que os profetas disseram e para conhecer as suas verdades, a chave para isso é a interpretação das expressões e o entendimento correto das alegorias e de seus significados. Tu sabes o que disse Deus: “E pelos profetas Eu farei similitudes” (Oseias 12:10), e conheces esta outra passagem: “propõe um enigma e faz uma parábola” (Ezequiel 17:2). E tu sabes que por causa do frequente uso das alegorias pelos profetas, o profeta disse: “Eles dizem a mim: Não é ele um criador de alegorias?” (ibid. 21:5). Finalmente, tu sabes como Salomão começou seu livro: “Para entender alegoria e discurso figurativo, as palavras dos sábios e seus enigmas” (Provérbios 1: 6).

No *Midrash*²³ foi dito: “Ao que eram comparáveis as palavras da Torá até que veio Salomão? A um poço cujas águas eram profundas e frias e ninguém podia beber delas. O que fez um homem inteligente? Juntou corda a corda, fio a fio, puxou e bebeu. Assim, Salomão passou de alegoria a alegoria e de discurso a outro até que ele se aprofundou nas palavras da Torá.” Essas são textualmente as palavras do *Midrash*.

Penso que não há homens dotados de bom senso que imaginem que as palavras da Torá²⁴ mencionadas aqui, aquelas que Salomão procurou entender pelo significado de suas alegorias, são os preceitos que concernem à construção de cabanas (*Sucot*) e ao mandamento da palmeira (*lulav*) ou à lei sobre os quatro tipos de depositários. Mas, ao contrário, o objetivo aqui é, sem dúvida, entender as coisas profundas. Foi dito no mesmo lugar (do *Midrash*): “Os rabinos dizem: Se um homem perde uma moeda²⁵ ou uma pérola em sua casa, ele acende uma vela cujo valor é um único centavo²⁶ e encontra a pérola. Assim, as alegorias em si mesmas não são de grande valor, mas através delas tu compreendes as palavras da Torá.” Estas também são as palavras textuais. Presta bem atenção como os Sábios disseram claramente que o significado interior das palavras da Torá equivale a uma pérola e que o sentido exterior da alegoria não possui nenhum valor; repare como compararam o sentido oculto que é representado pelas palavras externas de uma alegoria à figura de uma pérola perdida em sua casa repleta de móveis. Aquela pérola se encontra lá, mas não é vista e ninguém sabe dela.

²³ *Shir Hashirim Raba* 1:1.

²⁴ Em hebraico, *divrê Torá*.

²⁵ Em hebraico, *shekel*, um siclo.

²⁶ Em hebraico, *issar*.

É como se tivesse saído da propriedade de seu dono, pois ele não pode tirar qualquer proveito dela até que acenda uma lamparina, como foi dito, e que o ato de acendê-la se compara ao entendimento do sentido alegórico.

O Sábio disse: “Como maçãs de ouro em redes (*maskiot*), assim é uma palavra dita conforme suas diferentes faces” (Provérbios 25:11). Ouça a explicação do que ele disse: *Maskiot* são esculturas reticulares²⁷ feitas como uma malha extremamente fina, ou seja, que têm orifícios extremamente finos como as obras dos ourives, e são chamadas de *maskiot* porque o olhar penetra nelas, e a tradução ao aramaico²⁸ de *vaiashkef* (“ele observou”) é *veisteki*, que remete ao termo *Maskiot*. Ele disse então: como uma maçã de ouro em uma rede de prata cujos orifícios são muito finos, assim é a alegoria dita conforme as suas duas faces.²⁹

Veja, então, como é extraordinária esta sentença que busca descrever uma boa alegoria. Ele disse que o discurso possui duas faces – o sentido literal e o significado oculto – e que o sentido literal é belo como a prata e seu significado oculto é mais belo que o seu sentido literal, a tal ponto que o sentido oculto se diferencia do sentido literal como o ouro se diferencia da prata.

É necessário que haja algo no sentido literal que indique ao leitor a existência do significado oculto, como aquela maçã de ouro que foi coberta por uma rede de prata com orifícios extremamente finos. Quando ela é vista de longe ou quando não é examinada atentamente, pensa-se que a maçã é de prata. Mas quem possui um olhar penetrante, ao observar atentamente enxerga com clareza o que há dentro da rede e percebe que a maçã é feita de ouro. Assim são as alegorias dos profetas: quando lidas literalmente, suas palavras contêm uma sabedoria útil em várias frentes, entre outras, para a melhoria das condições sociais da humanidade, como consta no sentido literal dos Provérbios de Salomão e de outros escritos semelhantes, mas seu significado oculto é uma sabedoria útil para conhecer as verdadeiras crenças em sua realidade.

Saibas que as alegorias proféticas são feitas de duas maneiras: há alegorias em que cada uma de suas palavras tem um significado e há outras em que o conjunto da alegoria é que explica o assunto representado. Neste segundo tipo de alegoria virão várias palavras que nada acrescentam ao assunto representado, mas que servem para o adorno da alegoria, para a organização do discurso ou para ocultar o assunto da alegoria, de modo que o discurso siga conforme o sentido exterior da alegoria. Compreendas isto bem.

Um exemplo da primeira espécie de alegoria profética é encontrado na passagem “E eis que uma escada estava postada na terra etc.” (Gênesis 28:12). A palavra “escada” indica um assunto; as palavras “postada na terra” indicam um segundo assunto; as

²⁷ “Reticular” quer dizer que tem forma de rede.

²⁸ A tradução da Torá realizada por Onkelos.

²⁹ Duplo sentido.

palavras “e seu topo chega aos céus” indicam um terceiro assunto; “anjos de Deus” indica um quarto assunto; “sobem” indica um quinto assunto; “descem” indica um sexto assunto; e “o Eterno estava acima dela” (ibid. 28:13) indica um sétimo assunto, de modo que cada expressão acrescenta um significado ao conjunto da alegoria.

Um exemplo da segunda espécie de alegoria profética se encontra na seguinte passagem: “Pois da janela da minha casa eu olhei pela minha ventana e vi muitos tolos, e distingui, entre os jovens, um que era desprovido de entendimento, passando pela praça pública em um canto, e que seguia no caminho de sua casa. No crepúsculo, quando o dia desapareceu, na escuridão da noite em sua tenebrosidade, eis que uma mulher vem ao seu encontro com aparência de prostituta e astuta de coração. Ela é agitada e indômita... Às vezes está fora, às vezes pelas ruas... Então, ela o agarrou... Sacrifícios pacíficos tenho comigo... Por isso, saí ao teu encontro... Já cobri de tapeçaria... Já perfumei a minha cama... Venha, vamos nos saciar de amor. Pois o marido não está em casa... Ele levou uma bolsa com prata... Ela o seduz por tantas palavras, ela o leva com seus lábios falaciosos” (Provérbios 7:6-26).

Toda esta passagem tem o objetivo de nos advertir de que não devemos seguir os prazeres e as paixões corporais. Ele comparou a matéria, que é a causa de todas essas paixões corporais a uma prostituta que, ao mesmo tempo, é uma mulher casada, e sobre esta alegoria construiu todo o seu livro. Nós explicaremos, em alguns capítulos deste tratado,³⁰ a sabedoria que teve ao comparar a matéria com uma mulher casada e infiel, e explicaremos como terminou o seu livro com o elogio da mulher que não é infiel e que se ocupa com a ordem de sua casa e com o bem-estar³¹ de seu marido. Pois todos os obstáculos que impedem o ser humano de alcançar a perfeição final, toda deficiência e todo pecado se incorporam a ele pelo lado da matéria, conforme explicaremos neste tratado. E tudo isso é entendido desta alegoria de forma geral, ou seja, que o ser humano não deve seguir unicamente a sua natureza animal, isto é, a sua matéria, pois a matéria imediata do ser humano é também a matéria imediata dos outros animais.

Após ter te explicado e revelado o segredo desta alegoria, não espero que questione o que se oculta sob as palavras ‘sacrifícios pacíficos tenho comigo, hoje cumpri meus votos’ (versículo 14), qual sentido está oculto em ‘Já cobri a minha cama com cobertas de tapeçaria’ (versículo 16), o que é adicionado ao sentido geral pela observação ‘o marido não está em casa’ (versículo 19) e sobre tudo que segue naquele relato. Pois tudo isso é a continuação da narrativa conforme o sentido literal da alegoria, pois os detalhes descritos são típicos de como acontecem os adultérios e as palavras usadas são semelhantes às palavras que os adúlteros usam para se dirigir um ao outro. Compreendas bem o que digo, pois é um princípio muito importante daquilo que pretendo explicar.

30 Parte 3:8-9; Parte 1:17. Ver Prof. Schwartz, nota 68.

31 Em hebraico, *shalom*, paz.

Se tu encontrares em algum dos capítulos deste tratado, que expliquei o sentido de certa alegoria e te chamei a atenção sobre o conjunto de ideias que foi representado, não perguntes qual é a explicação de todos os detalhes que se encontram naquela alegoria e não tentes achar uma analogia aos detalhes na coisa representada. Isso conduziria a uma de duas coisas: ou te faria desviar da intenção da alegoria ou estarias forçado a interpretar palavras que não possuem interpretação e que não foram escritas para serem interpretadas. Uma imposição como esta te conduzirá à grande tolice presente na maioria das escolas do mundo em nossos dias, como verificamos em seus escritos, porque cada uma delas tenta encontrar quaisquer significados às palavras cujos autores não intentaram a nada do que eles procuram. Tu deves, ao contrário, ter como objetivo, na maioria das alegorias, buscar o entendimento daquilo que foi intencionado que conhecesses. Certas vezes, bastará que compreendas por minhas palavras que tal assunto é uma alegoria, mesmo se não explicarmos nada mais sobre ela, pois se souberes que é uma alegoria, imediatamente compreenderás para qual assunto está destinada aquela alegoria, e minha indicação de que se trata de uma alegoria será como a retirada de um obstáculo que se interpõe entre os olhos e um objeto a ser visto.

Recomendação sobre o assunto deste tratado

Se desejas compreender tudo o que este tratado contém de maneira que nada te escape, relaciona seus capítulos uns aos outros e tenha como objetivo não somente compreender o significado de cada capítulo em seu significado geral, mas também tenta compreender cada palavra que se encontra inserida no discurso, mesmo que tal expressão não faça parte do assunto principal do capítulo. Neste tratado, as coisas jamais são ditas por acaso, mas tudo é dito com uma grande exatidão e muita precisão, e com o cuidado para que não falte alguma explicação sobre as questões obscuras. Nada foi dito fora de seu lugar, a não ser quando vem para esclarecer algo em outro lugar. Portanto, não me abordes com tuas opiniões preconcebidas, pois me causará danos sem qualquer proveito a ti mesmo. Pelo contrário, deves aprender tudo que é necessário aprender, e faça deste meu livro um objeto contínuo de teus estudos, pois ele te explicará as maiores obscuridades da Torá, que são difíceis a todo ser humano inteligente.

Eu conjuro por Deus, o Altíssimo, todo aquele que ler o presente tratado que não comente uma só palavra do mesmo e nem o explique a terceiros a não ser o que está claramente explicado nas palavras dos nossos célebres Sábios da Torá que me precederam. Mas o leitor que compreender do meu livro qualquer coisa diferente do que os nossos célebres Sábios disseram, não se precipite em me refutar, pois é possível que tenha entendido de minhas palavras o contrário do que eu quis dizer, e ele me prejudicará em retribuição à minha vontade de lhe ser útil, e “pagará o mal pelo bem”.³²

32 O Prof. Schwartz indica Salmos 38:21.